



---

ÁREA TEMÁTICA: Desenvolvimento Sustentável e Ambiente

---

Percepções dos Nalú e dos Balanta sobre o Ambiente em Meio Rural na Guiné-Bissau – Terão os não humanos que ser os últimos “outros” na Sociologia?

---

CASANOVA, Catarina

Doutora (Antropologia Biológica)

CAPP/Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da UTL e Centro de Biologia Ambiental  
ccasanova@iscsp.utl.pt

---

SOUSA, Cláudia

Doutora (Antropologia Biológica)

CRIA/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL

csousa@fcsh.unl.pt

---

COSTA, Susana

Mestre (Sociologia)

Universidade de Stirling (Escócia, Reino Unido) e CAPP/ISCSP da UTL

s.c.costa@stir.ac.uk

---

### Resumo

O principal objectivo deste estudo foi avaliar as percepções que ambos Nalú e Balanta têm do ambiente que os rodeia: a fauna, os hábitos de caça, as diferentes paisagens, entre outros aspectos. O estudo foi conduzido em 4 tabancas em meio rural e marcadamente isolado (Floresta de Cantanhez, Tombali) na Guiné-Bissau. Este projecto, financiado pela FCT, visa a longo prazo, contribuir para a produção de estratégias de conservação da biodiversidade eficazes. Para atingirem o seu público-alvo, estas estratégias devem ser planeadas tendo como referência o *millieu* social que é o das comunidades locais que o compõe (a etno-esfera). A recolha de dados teve lugar em 2007 e foram utilizados o inquérito por questionário (N=240) e a observação. Os dados sugerem que as percepções sobre a fauna e hábitos de caça obedecem a critérios utilitários e estéticos, sendo os 1ºs sobrepostos aos 2ºs. Embora as florestas sagradas possam ter um efeito positivo na conservação da biodiversidade (uma vez que se constituem espaços interditos à caça, com regras próprias aceites por todos) e no desenvolvimento sustentável, não são numericamente suficientes para proteger espécies carismáticas.

Palavras-chave: Percepções; Guiné-Bissau; biodiversidade; fauna; conservação.





## 1 Introdução

### 1.1 A relação da Sociologia e da Antropologia com os não humanos

Historicamente a relação de ambas Antropologia e Sociologia com os não humanos tem sido motivo de tensão e conflitos. Enquanto os antropólogos físicos têm estudado desde há muitas décadas o comportamento dos primatas não humanos de modo a melhor entender e explicar características comuns entre humanos e os seus parentes mais próximos, na sua generalidade os antropólogos das áreas cultural e social e os sociólogos têm-se recusado a olhar para as culturas, estruturas e organizações sociais dos outros animais para produzir inferências que contribuam para melhor entender alguns dos comportamentos sociais humanos (ver por exemplo Giddens, 2000 ou Giddens et al., 2003). Para muitos antropólogos e sociólogos, os “animais” (não humanos) continuam a constituir-se como os últimos “outros”. Tal não será surpreendente visto a Antropologia e a Sociologia terem evoluído, enquanto ciências, em contextos marcadamente pautados pelo paradigma judaico-cristão (Arluke e Sanders, 1996; Franklin, 1999; Nibert, 2002; Costa, 2004; Casanova, 2006).

Assim, a forma como organizamos as percepções e como categorizamos a realidade relativa aos “outros” (Yzerbyt e Leyens, 2004; Baron et al., 2007; Smith e Mackie 2007) – sejam eles humanos ou não humanos – acaba por beber influências profundas neste paradigma e noutros onde se baseiam as culturas ocidentais da contemporaneidade (Giddens, 2000; Giddens et al., 2003; Alcock et al., 2005; Aronson et al., 2007). Dimensões como a religiosa, ideológica, política e filosófica estão embebidas no *background* individual de cada “eu” contribuindo para a formação de percepções que se manifestam em determinados comportamentos e atitudes sobre o “outro” (McGarty, 1999; Cialdini 2001; Aiken, 2002; Costa, 2004; Albarracin et al., 2005; Casanova, 2006). Adicionalmente o “eu” forma preconceitos sobre o “outro” (Macrae et al., 1996; Jones 2002; Nelson, 2006) sendo que o oposto também se observa: esta alteridade faz parte do processo de comparação social (Yzerbyt e Leyens, 2004; Baron et al., 2007; Smith e Mackie 2007). O preconceito especísta do antropocentrismo é operante na Sociologia e na Antropologia.

### 1.2 O ambiente sem a inclusão dos “outros” e a biodiversidade

A problemática ambiental tem vindo a tomar espaço nas preocupações sociológicas (Beck, 1992, 1998, 1999; Almeida, 2000; Giddens, 2000; Schmidt et al., 2000; Almeida, 2004; Lima 2004, 2005; Lima e Guerra 2004) e antropológicas (Geertz, 1963; Lee, 1972; Ingold, 1990, 2000; Moran 1990; Haraway, 1991; Descola e Palsson, 1996; Kottak 1999; Dove, 2006), resultado de novos valores (ecológicos) emergentes.

Contudo, são raras as abordagens sociológicas ou antropológicas que incluam os outros animais como “outros” percecionáveis (Arluke e Sanders, 1996; Shepard, 1997; Franklin, 1999; Alger e Alger, 2002; Costa 2004), ou como englobantes da temática ambiental, temática essa – no caso português – excessivamente centrada em realidades urbanas [e antropocêntricas (veja-se por exemplo Almeida, 2000, 2004; Schmidt et al., 2000; Lima 2004, 2005; Lima e Guerra 2004; Delicado e Gonçalves, 2007)]. O estudo das dimensões das representações sociais e percepções escolhidas pelos cientistas sociais portugueses sobre o ambiente torna-se interessante no que diz respeito à alteridade e à escolha das preocupações de estudo e unidades de análise das diferentes dimensões ambientais, que são sobretudo urbanas.

Nos dias de hoje o maior desafio à conservação da biodiversidade não se encontra no domínio das ciências biológicas e florestais ou, por exemplo, nos hábitos de caça, mas sim nas relações que se estabelecem entre culturas humanas (num âmbito mais alargado incluindo crenças políticas, religiosas e percepções normativas da floresta e dos outros animais e do seu uso) e *habitats* (Scoones, 1999; Davis-Case, 2001).

A conservação da biodiversidade é um tema ainda pouco abordado na Sociologia, sobretudo no que diz respeito às percepções sobre diferentes espécies enquanto “outros”. Sendo que as percepções sobre os



“outros” podem alterar-se de acordo com categorias como a idade, o género, o grupo étnico, entre outras variáveis (McGarty, 1999; Yzerbyt e Leyens, 2004; Baron et al., 2007; Smith e Mackie 2007), o sucesso das estratégias de conservação da natureza e da biodiversidade também passa pelo nosso entendimento destas variáveis. A imposição de estratégias de conservação “ocidentais” não integradas no *milieu* ou contexto social das comunidades às quais vão ser aplicadas são normalmente um fracasso e chegam até a ser apelidadas de instrumentos neo-coloniais (Orlove, 1980; Kottak, 1999). O caminho está portanto no aproveitamento do conhecimento tradicional (não ocidental) sobre o uso e gestão dos recursos naturais e na integração do mesmo em estratégias de conservação (Gadgil e Berkes, 1991; Barrow et al., 1995; Berkes et al., 2000; Colding e Folke 2001; Armitage, 2003).

O continente africano não está imune à crise da biodiversidade, antes pelo contrário (Davis-Case, 2001; Brooks et al., 2006). O objectivo da presente comunicação é o de avaliar as percepções ambientais de diferentes grupos étnicos africanos que vivem na região da Guiné-Bissau (os Nalú e os Balanta). As dimensões ambientais estudadas incorporam os diferentes “animais”, a floresta e a sua conservação.

### 1.3 Hipóteses de pesquisa

As nossas hipóteses de partida centram-se nas percepções da fauna e na conservação desta e da floresta. Dentro da fauna existente nas Florestas de Cantanhez (região administrativa de Tombali, no Sul da Guiné-Bissau) escolheram-se espécies de diferentes classificações taxonómicas ao nível de família, género, entre outras categorias como foi o caso dos chimpanzés (*Pan troglodytes verus*) que se encontram ameaçados (Casanova, 2006) para além de outros primatas não humanos, das hienas (*Crocuta crocuta*), de animais “domésticos” como por exemplo o porco (família Suidae), a vaca (*Bos taurus*) ou a galinha (*Gallus gallus domesticus*), entre outras espécies. Procurou-se assim caracterizar as percepções dos Nalú [(grupo étnico que na Guiné-Bissau foi mais recentemente islamizado) e dos Balanta (grupo constituído por indivíduos de orientação religiosa cristã e/ou animista) de diferentes idades e géneros] sobre estes animais, isto é, se constroem percepções e atribuem valores e significados a estas espécies que possam ser considerados utilitários e/ou estéticos.

Adicionalmente as percepções sobre a sustentabilidade vs extinção da flora e da fauna foram também investigadas.

## 2. Metodologia

Para a recolha de dados optou-se pela aplicação de técnicas como os inquéritos por questionário (Ghiglione e Matalon, 2001; Sampieri et al., 2007), os inquéritos por entrevista (Sampieri et al., 2007) e a observação (Martin e Bateson, 1993; Sampieri et al., 2007).

Não sendo conhecidos dados fiáveis sobre as características demográficas do universo em causa, o questionário foi aplicado a uma amostra (N=240) por quotas de idade e sexo.

A recolha de dados foi realizada ao abrigo do projecto de I&D POCI/ANT/57434/2004 e foi dividida por vários momentos temporais no terreno: entrevistas e observação (Outubro de 2003, Novembro de 2005, Fevereiro e Março de 2007 e Novembro de 2007) e questionário (Fevereiro e Março de 2007).

Aos indivíduos da amostra (N=240, 120 por cada grupo étnico) foram apresentados cartões com fotografias das espécies animais para que houvesse segurança relativamente aos nomes e características físicas das espécies abordadas por investigadores e respondentes. Foi então solicitado aos inquiridos que referissem várias características das espécies discutidas relativamente ao seu significado.

Os dados foram posteriormente analisados recorrendo ao pacote estatístico SPSS (versão 15.0).



### 3. Resultados

#### 3.1 Percepções sobre a fauna: significados estéticos ou utilitários?

Como é visível na imagem 1 os animais mais comestíveis (gazelas) são também os animais mais bonitos (ver imagem 2). A gazela destaca-se pelo nº de respostas escolhidas apesar de ser um animal não doméstico. Não obstante, parece haver uma tendência para considerar que os animais não domésticos são mais bonitos que os animais domésticos como a galinha, a vaca, a cabra ou o porco (ver imagem 2). De referir que, tal como esperado, o porco se constitui como um animal consideravelmente mais bonito para os Balanta (cristãos e animistas) do que para os Nalú (recentemente islamizados). A gazela, apesar de bonita para ambos os grupos étnicos, é o consideravelmente mais para os Nalú que para os Balanta (ver imagem 2).

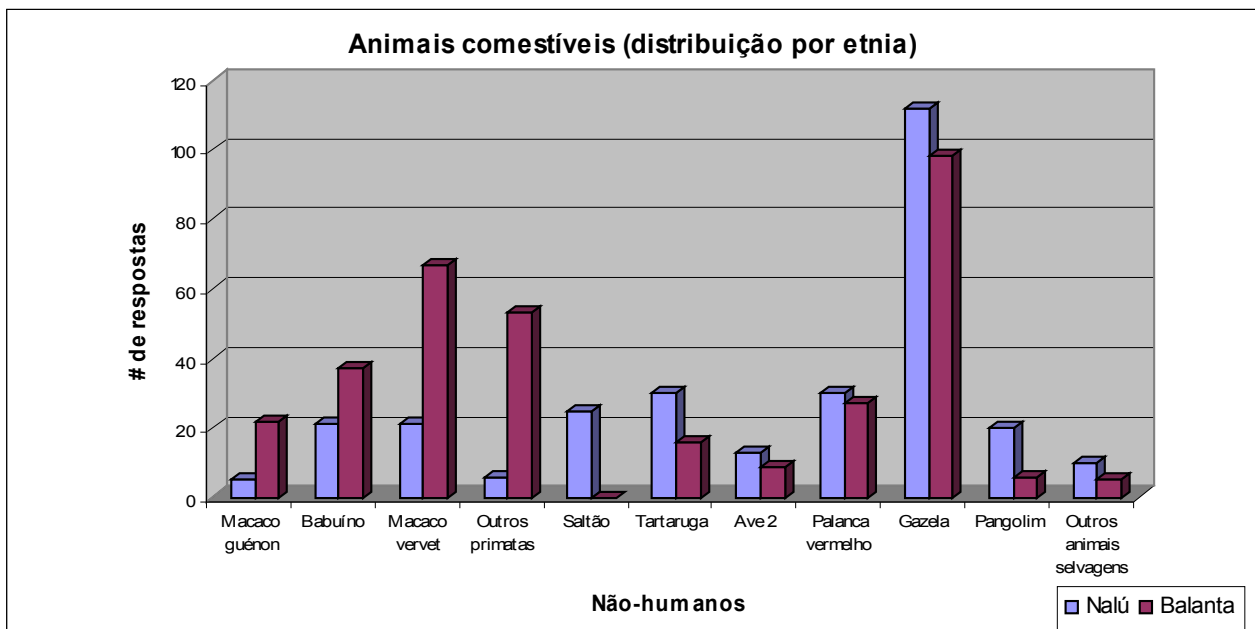


Imagem 1: Os animais mais comestíveis de acordo com ambos os grupos étnicos estudados.

No que diz respeito aos animais menos comestíveis (ver imagem 3) estes também coincidem com aqueles que são mais feios (ver imagem 4). De entre os animais mais feios destaca-se em primeiro lugar o chimpanzé que é também o animal mais não comestível (ver imagem 4). Este primata não humano é seguido pela hiena e pela cobra sobretudo para os Balanta cristãos e animistas. Para os islâmicos Nalú o gálago é ainda menos comestível do que a cobra. Esta relação de correspondência mantém-se com os animais mais feios (ver imagem 4) ainda que não totalmente uma vez que se observam algumas alterações hierárquicas na ordem dos mais feios e dos mais menos comestíveis posteriormente a estes animais. De referir que na generalidade os primatas não humanos são considerados feios por ambos os grupos étnicos inquiridos embora o seu grau de feiura (ver imagem 4) não corresponda totalmente ao seu grau de não comestibilidade (ver imagem 3), que aparenta ser menos acentuado.

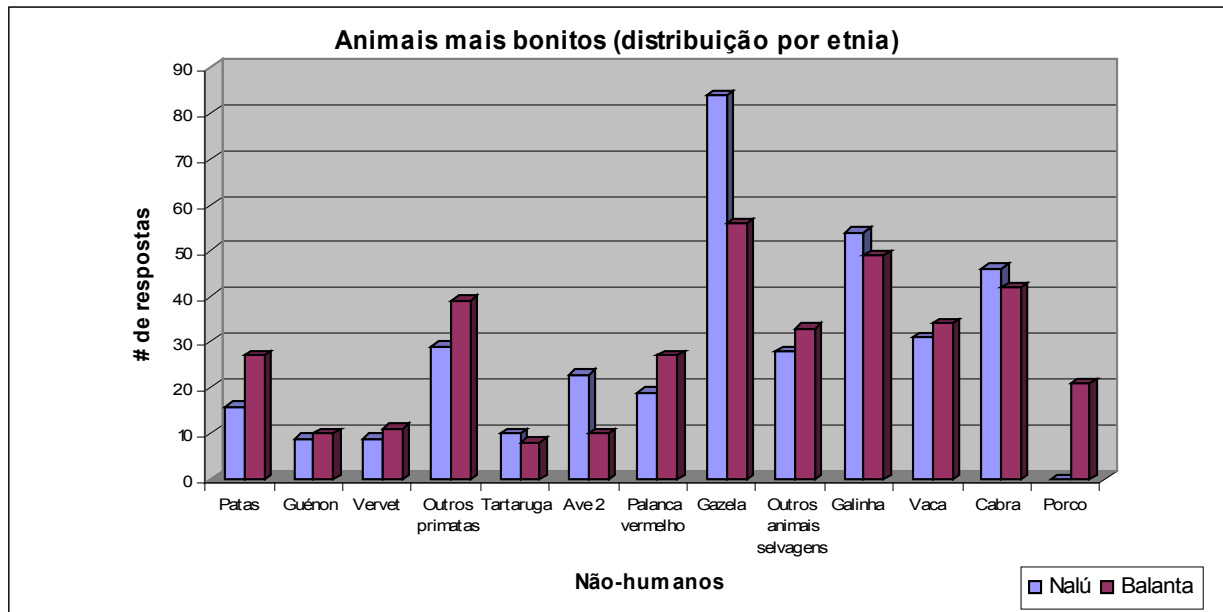


Imagem 2: Os animais mais bonitos de acordo com ambos os grupos étnicos estudados.

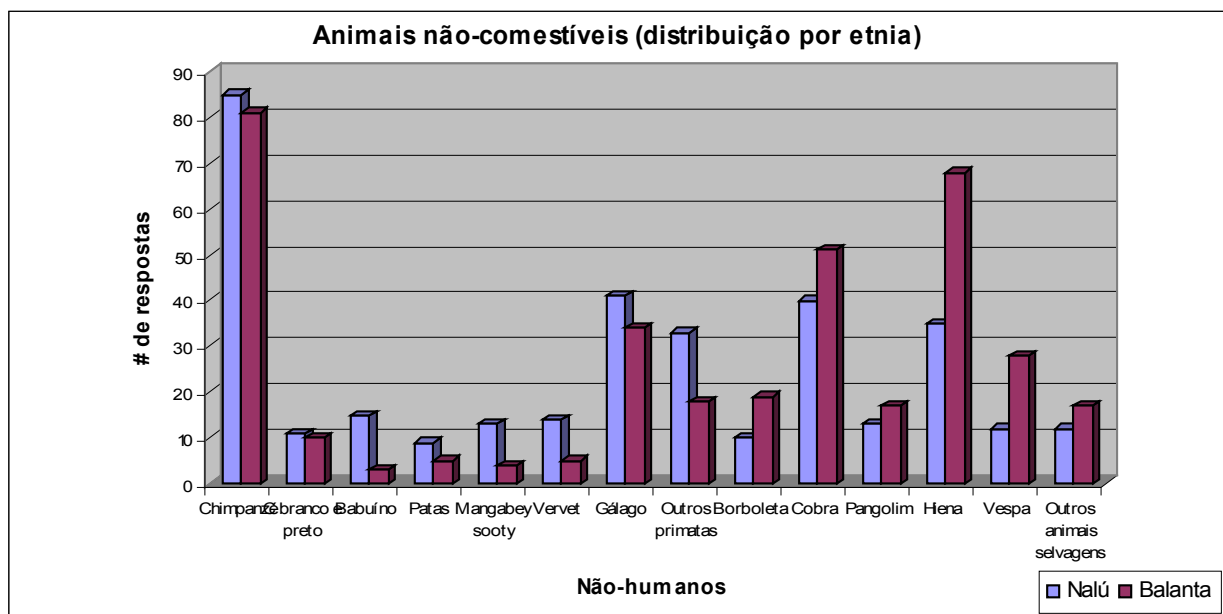


Imagem 3: Os animais mais não comestíveis de acordo com ambos os grupos étnicos estudados.

No geral parece haver algum grau de correspondência/sobreposição entre os animais mais bonitos e os mais comestíveis e os animais mais feios com os menos comestível embora seja visível uma tendência para haver maior grau de feiura por oposição ao grau de não comestibilidade. No que diz respeito ao género não parecem existir diferenças significativas nas respostas dadas embora existam mais homens a perceberem os chimpanzés como mais feios que as mulheres.

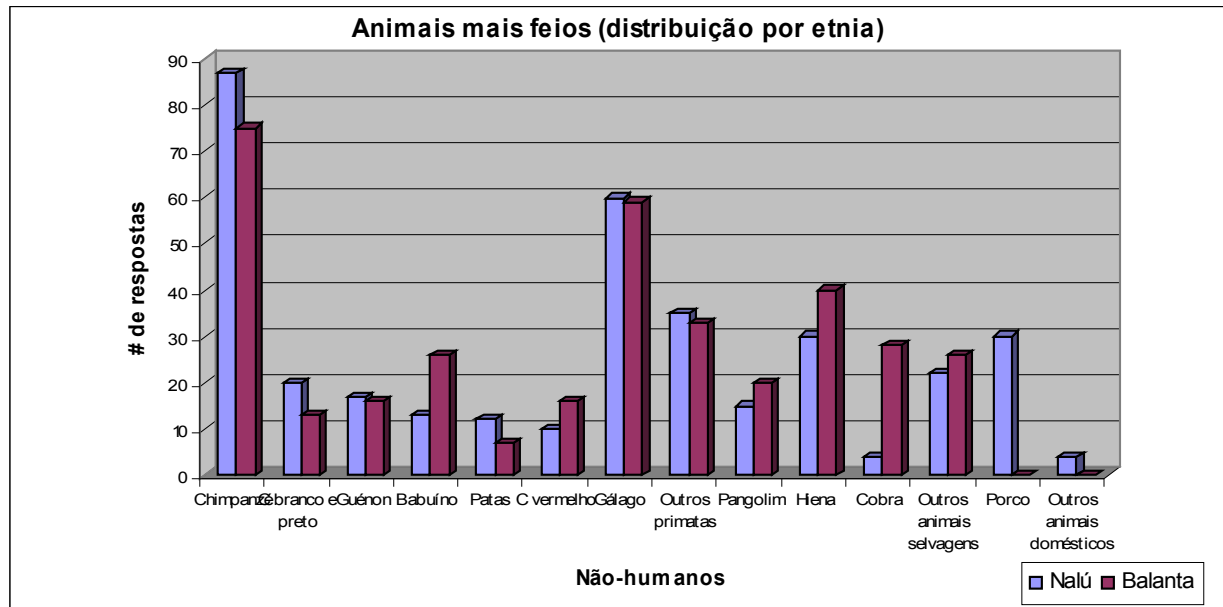


Imagem 4: Os animais mais feios de acordo com ambos os grupos étnicos estudados.

### 3.2 Percepções sobre a conservação e sustentabilidade da flora e da fauna: o mato e os animais vão existir para sempre?

Na imagem 5 é possível ver que os Balanta estão mais convencidos da existência da floresta “para sempre” que os Nalú. Esta posição de “invencibilidade” do mato da parte dos animistas e/ou cristãos Balanta pode também expressar-se ao nível da não extinção dos animais (ver imagem 6). Os Nalú são menos crentes em tais sobrevivências embora aproximadamente 70% dos respondentes acreditem na impossibilidade da extinção da floresta mas sobretudo dos animais (80% dos respondentes).

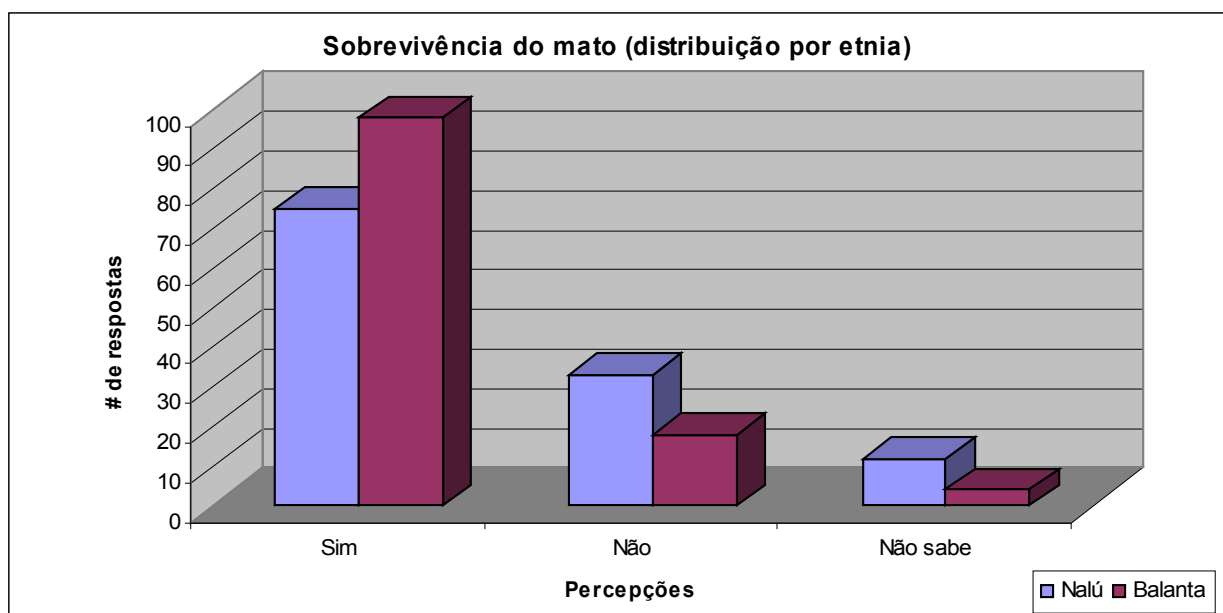


Imagem 5: Percepção sobre a impossibilidade de extinção da floresta/mato por grupo étnico.

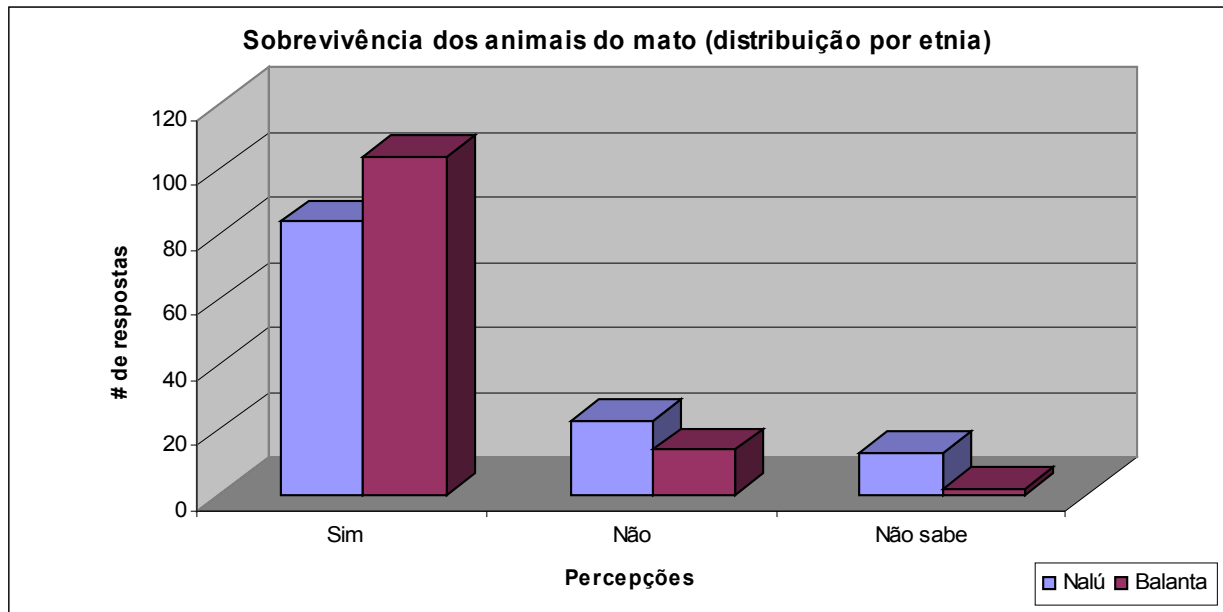


Imagem 6: Percepção sobre a impossibilidade de extinção dos animais da floresta/mato por grupo étnico.

Finalmente a análise por género indica-nos que os existem mais homens inquiridos (90%) a crer que o mato/floresta (ver imagem 7) ou os animais do mato vão existir para sempre (mais de 90% dos homens inquiridos - ver imagem 8). Neste caso podemos afirmar que as mulheres têm uma percepção menos positiva sobre a sobrevivência da floresta (ver imagem 7) e dos respectivos animais que nela habitam (ver imagem 8) enquanto que os homens têm menos consciência relativamente a processos de extinção ou nem sequer concebem tal facto. Apesar de tudo estas diferenças não aparentam ser expressivas.

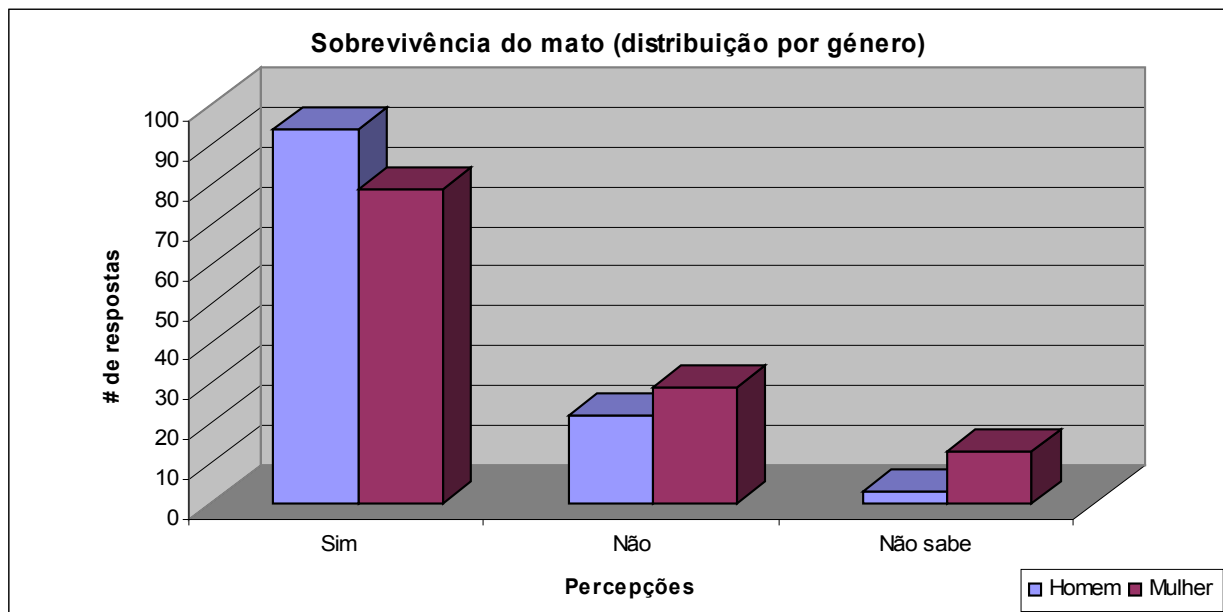


Imagem 7: Percepção sobre a impossibilidade de extinção da floresta por género.



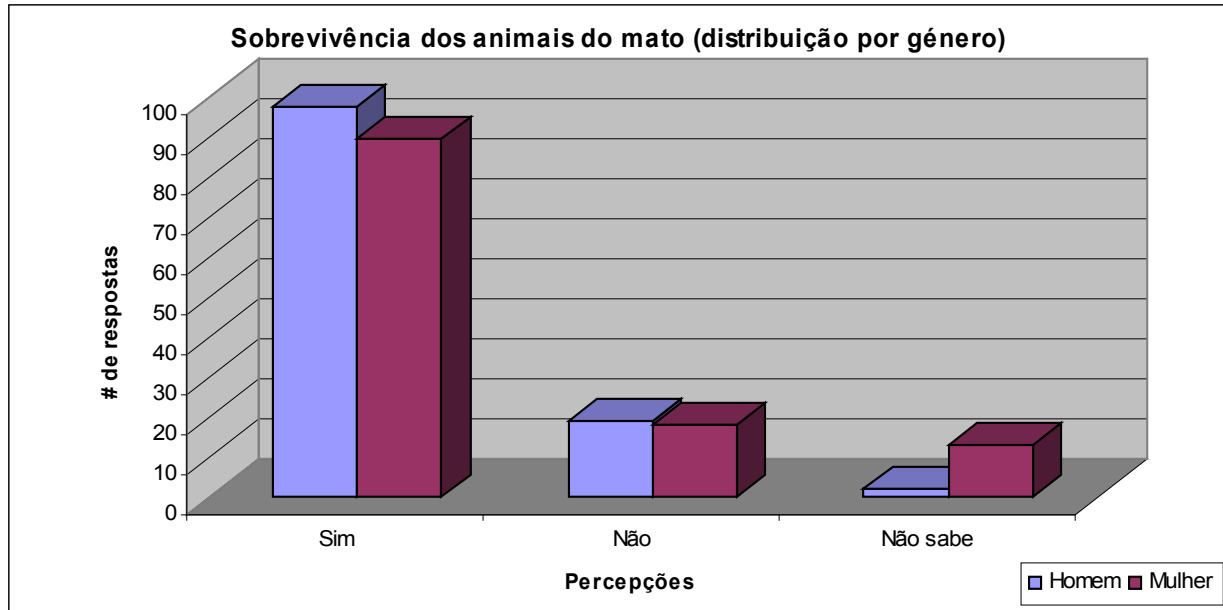


Imagem 8: Percepção sobre a impossibilidade de extinção dos animais da floresta por género.

## 4. Discussão

### 4.1 Percepções sobre a fauna

É de fácil identificação uma quase total correspondência/sobreposição entre a visão estética e a visão utilitária dos animais domésticos e selvagens pelos respondentes inquiridos. O grupo étnico islâmico (Nalú) - tal como esperado - evidenciou uma imagem bastante negativa do porco enquanto animal comestível ou esteticamente bonito. Na generalidade a percepção estética dos animais domésticos não parece ser tão representativa como a percepção estética dos animais da floresta. O animal selvagem mais apreciado por ambos os grupos étnicos inquiridos (gazela) é esteticamente mais agradável para os Nalú do que para os Balanta.

O chimpanzé é percebido com o animal mais feio e menos comestível por ambos Nalú e Balantas. Apesar de tudo este primata não humano é considerado pela grande totalidade dos inquiridos como o animal mais parecido com os humanos (ambos os grupos étnicos por géneros e por classes de idade (ver Casanova e Sousa 2007). Tal poderá corresponder à grande semelhança evidenciada entre humanos e este primata que é inegável mas, simultaneamente, ao facto de este não ser tão “perfeito” como os humanos, ou seja, de ser uma espécie de caricatura dos mesmos. Interessantemente contam muitos dos inquiridos que os chimpanzés são “familiares antigos que devem ser deixados em paz” ou ainda “ferreiros que se portaram mal e foram castigados por deus”, castigo esse que teve como resultado, provavelmente, a sua não totalidade correspondência física e psicológica com os humanos. De referir ainda que a maioria dos inquiridos, na eventualidade de não poder ser humano, afirmou escolher ser um chimpanzé. Tais factos parecem confirmar esta interpretação de identificação, no chimpanzé de factores “identitários” mas simultaneamente de “alteridade” com os humanos (Yzerbyt e Leyens, 2004; Baron et al., 2007; Smith e Mackie 2007).

A hiena (“lobo” nos dialectos locais) bem como a cobra são animais menos comestíveis sobretudo para os Balanta enquanto que para os islâmicos Nalú o gálgalo parece ser o animal menos comestível depois do chimpanzé (e ainda menos comestível que a cobra). Os animistas e/ou cristãos Balanta percebem a cobra como mais feia e menos comestível o que se poderá parcialmente explicar pela negatividade associada às serpentes para os crentes cristãos e claro, pela perigosidade que estes animais representam para a segurança das pessoas nestes contextos.



A generalidade dos primatas não humanos é percebida como feia pelos inquiridos de ambos os grupos étnicos embora alguns sejam considerados comestíveis como por exemplo os *vervet* ou os babuínos. De referir que, na generalidade, os cristãos e/ou animistas Balanta parecem perceber os primatas não humanos como mais comestíveis que os islâmicos Nalú, que, por sua vez, percebem as palancas ou as gazelas como mais comestíveis (e bonitas). O animismo e o cristianismo são consideravelmente mais permissivos no que diz respeito à ingestão de primatas não humanos uma vez que segundo os muçulmanos os primatas como os babuínos entre muitos outros animais, não devem ser mortos. De referir que entre os princípios do Alcorão e os comportamentos não existe correspondência uma vez que os muçulmanos estão fortemente envolvidos na caça e tráfico de primatas para o mercado do *bushmeat* apesar do Alcorão proibir a caça (Casanova e Sousa 2007). Na verdade, os crentes islâmicos na Guiné parecem ser bastante mais flexíveis ao referirem que “podemos caçar e vender mas não podemos comer” (Casanova e Sousa 2006). De acordo com muitos inquiridos (Casanova e Sousa 2006) estamos assim perante dois tipos de muçulmanos: os “puros” (não caçam, vendem ou comem) e aqueles que são mais flexíveis (não comem mas estão pessoalmente envolvidos na caça, venda e tráfico do *bushmeat*) e que são também os maioritários (e que em muitas ocasiões também consomem).

#### 4.2 Percepções sobre a conservação da flora e fauna

Os Balanta parecem ser menos permeáveis à ideia de extinção da flora e da fauna. Tal está provavelmente relacionado com o seu modo de vida (ainda tradicional) uma vez que, ao contrário dos Nalú, os Balanta ainda mantêm algumas culturais tradicionais sazonais e quase todos eles continuam a desenvolver o tradicional trabalho agrícola nas bolanhas de lála ou de tarrafe (rizicultura de água doce e de água salgada). Há também mais comunidades Balanta a conservarem os seus matos sagrados para além deste grupo étnico ser bastante mais coeso e menos permeável a influências externas. Os Nalú estão consideravelmente mais “entregues” à monocultura do caju optando, muitas vezes, por não ter o seu próprio pedaço de terra com pequenas culturas agrícolas como feijão, milho ou até a própria rizicultura tradicional tal como a descrita para os Balanta. Os Nalú adoptam sobretudo o chamado arroz de sequeiro que depende da desflorestação progressiva da floresta (Casanova e Sousa 2005, 2006 e 2007). Os Balanta continuam a fazer uma gestão dos recursos e a exibir um modo de vida mais tradicional e menos destrutivo para a biodiversidade. Assim, embora a floresta e os animais sejam importantes para ambos os grupos étnicos e a grande maioria dos inquiridos esteja convencida da existência eterna dos mesmos (uma vez que esta mesma durabilidade eterna está intrinsecamente ligada à própria dessas comunidades), entre os islâmicos Nalú (aqueles que apresentam estilos de vida menos tradicionais e mais destrutivos) há mais inquiridos a manifestar a possibilidade de extinção dos recursos, talvez devido ao facto de terem consciência que as suas técnicas agrícolas e modo de vida têm consequências directamente mais negativas para os animais selvagens e a própria floresta.

O género feminino - em ambos os grupos étnicos - apresenta uma percepção mais pessimista sobre a duração eterna da floresta e dos animais. Tal percepção talvez possa ser explicada pelo facto das mulheres neste país serem as verdadeiras responsáveis pela sobrevivência das famílias, isto é, porque fazem a gestão do dia a dia das suas famílias e podem constatar diariamente que a sobrevivência da família está directamente dependente da sobrevivência da floresta e dos animais da floresta: as mulheres deslocam-se vários quilómetros por dia para ir buscar água (que carregam em grandes quantidades), são responsáveis pelo trabalho nas bolanhas, por tratar das crianças, pela alimentação, pela lenha (quem têm que carregar). Para os homens poderá ser relativamente mais concebível que a floresta ou os animais possam deixar de existir. São afinal os homens que estão encarregues socialmente da caça e do chamado *pabi* (desflorestação) e por isso estão directamente em contacto com a cada vez maior escassez de presas e com o abate e queimada de vastas áreas de floresta. Assim, estas ligeiras diferenças perceptivas poderão ser uma consequência dos papéis sociais próprios destas comunidades.



## 5. Considerações finais

A subordinação, embora não total, dos critérios estéticos aos critérios utilitários parece estar na origem das diferentes percepções dos diferentes não humanos investigados. No contexto estudado, tal opção mais pragmática poderá estar directamente relacionada com as dificuldades de vida que as comunidades vivem no seu dia a dia. O uso e gestão dos recursos levado a cabo de forma mais tradicional (o caso dos animistas e/ou cristãos) são menos prejudiciais para a conservação dos ecossistemas e da biodiversidade e podem ser considerados como mais sustentáveis que aqueles mais “modernos” (mais baseados na obtenção do lucro e na acumulação) exibidos pelos islâmicos Nalú.

Antes de delinear qualquer estratégia ou programa de conservação é essencial o trabalho de sociólogos ou antropólogos por forma a entender como é que as comunidades locais percebem os seus recursos (os outros animais e os ecossistemas) e perceber o *milieu* social em que as mesmas se inserem. O planeamento e aplicação de um programa de educação ambiental ou ainda a criação de um parque ou uma reserva não pode ignorar os conhecimentos e percepções dos locais sob pena de fracasso, como aliás se tem evidenciado na simples transposição de modelos de conservação “ocidentais” para contextos africanos. As comunidades inquiridas vivem em contextos rurais directamente em contacto com a biodiversidade e com recursos naturais usando-os e estando directamente dependente dos mesmos para sobreviver.

O papel dos sociólogos ou dos antropólogos torna-se incontornável na eficácia e sucesso de programas de protecção e conservação da biodiversidade que passam por um desenvolvimento que se quer sustentável.

## Agradecimentos

Os nossos agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a recolha dos dados: a Alexandra Cardoso (Colibrí), a Ana Costa (Benjamim) e o Rui Sá. Agradecimentos são também devidos a todos os habitantes das regiões administrativas de Tombali e Quínara que desde 2003 “aturam” as nossas incursões e permanência no terreno. Agradecemos também à colega Sónia Frias por todo o apoio prestado.

Finalmente agradecemos ao ISCSP, à FCSH e ao IBAP.

Esta pesquisa foi realizada com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia através do Projecto I&D POCI/ANT/57434/2004.

## Referências bibliográficas

- AIKEN, Lewis R. (2002), *Attitudes and Related Psychosocial Constructs: Theories, Assessment and Research*. Thousand Oaks, CA, Sage Publications.
- ALBARRACIN, Dolores; Blair T. Johnson e Mark P. Zanna (2005), *The Handbook of Attitudes*. Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum Associates.
- ALGER, Janet M. e Steven F. Alger (2002), *Cat Culture: The Social World of a Cat Shelter*, Filadelfia, Temple University Press.
- ALCOCK, James E.; William D. Carment e Stanley W. Sadava (2005), *A Textbook of Social Psychology*. Scarborough, Ontário, Prentice-Hall.
- ALMEIDA, João Ferreira de (ed.) (2000), *Os Portugueses e o Ambiente. I Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- ALMEIDA, João Ferreira de (ed.) (2004), *Os Portugueses e o Ambiente. II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- ARLUKE, Arnold e Clinton Sanders (1996), *Regarding Animals*, Filadelfia, Temple University Press.



- ARMITAGE, Derek R. (2003), "Traditional agroecological knowledge, adaptive management and the socio-politics of conservation in Central Sulawesi, Indonesia", *Environmental Conservation*, nº 30, pp. 79–90.
- ARONSON, Elliot; Timothy D. Wilson e Robin M. Akert (2007), *Social Psychology*. Englewood Cliffs, NJ, Prentice Hall.
- BARON, Robert A.; Donn R. Byrne e Nyla R. Branscombe (2007), *Mastering Social Psychology*. Boston, MA, Pearson/Allyn and Bacon.
- BARROW, Edmund; Patrick Bergin, Mark Infield e Peter Lembuya (1995), "The peoples' voice: partnership and community conservation", em J. A. Bissonette e P. R. Krausman (eds.), *Integrating People and Wildlife for a Sustainable Future*, Maryland, The Wildlife Society Maryland.
- BECK, Ulrich (1992), *Risk Society. Towards a New Modernity*. Londres, Sage Publications.
- BECK, Ulrich (1998), "Politics of Risk Society", em Jane Franklin (ed.), *The Politics of Risk Society*, Cambridge, Polity Press, pp. 9-22.
- BECK, Ulrich (1999), *World Risk Society*, Cambridge, Polity Press.
- BERKES, Fikret; Johan Colding e Carl Folke (2000), "Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management", *Ecological Applications*, nº 10, pp.1251-62.
- BROOKS, Thomas M.; Russell A. Mittermeier, Gustavo A. B. da Fonseca, Justin Gerlach, Michael Hoffmann, John M. Lamoreux, Cristina Goettsch Mittermeier, John D. Pilgrim and Ana S. L. Rodrigues (2006), "Global Biodiversity Conservation Priorities", *Science*, volume 313, nº 5783, pp. 58-61.
- CASANOVA, Catarina (2006), *Introdução À Antropologia Biológica: Princípios Evolutivos, Genética e Primatologia*, Lisboa, ISCSP/FCT.
- CASANOVA, Catarina e Cláudia Sousa (2005), "Distribuição das comunidades de chimpanzés (*Pan troglodytes*) na região costeira da República da Guiné-Bissau e a sua relação com as comunidades humanas locais", *Relatório de Missão* (ISCSP/UTL e FCSH/UNL).
- CASANOVA, Catarina e Cláudia Sousa (2006), "Distribuição das comunidades de chimpanzés (*Pan troglodytes*) na região costeira da República da Guiné-Bissau e a sua relação com as comunidades humanas locais", *Relatório de Missão* (ISCSP/UTL e FCSH/UNL).
- CASANOVA, Catarina e Cláudia Sousa (2007), *Plano de Acção Nacional para a Conservação das Populações Nacionais de Chimpanzés, Cólobos Vermelhos Ocidentais e Cólobos Brancos e Pretos Ocidentais na República da Guiné-Bissau*, IBAP, ISCSP/UTL e FCSH/UNL.
- CIALDINI, Robert B. (2001), *Influence: Science and Practice*. Boston, MA, Allyn and Bacon.
- COLDING, Johan e Carl Folke (2001), "Social taboos: «Invisible» systems of local resource management and biological conservation", *Ecological Applications*, volume 11, nº 2, pp. 584-600.
- COSTA, Susana Gonçalves (2004), *Sociologia do Relacionamento Humanos/Outros Animais: percepções sociais da superioridade humana (análise de uma amostra da freguesia de Almada) – Dissertação de Mestrado*, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- DAVIS-CASE, D'Arcy (2001), "The reflective practitioner: Learning and teaching in community-based forest management", *Conservation Ecology*, volume 5, nº 2, pp. 15
- DELICADO, Ana e Maria Eduarda Gonçalves (2007), "Os Portugueses e os novos riscos: resultados de um inquérito", *Análise Social*, nº 187, pp. 687-718.
- DESCOLA, Philippe e Gísli PALSSON (1996), *Nature and Society: Anthropological Perspectives*, Londres, Routledge.



- DOVE, Michael R. (2006), "Indigenous people and environmental politics", *Annual Review of Anthropology*, nº 35, pp. 191-208.
- FRANKLIN, Adrian (1999), *Animals and Modern Cultures- A Sociology of Human-Animal Relations in Modernity*, Londres, Sage Publications.
- GADGIL, Madhav e Fikret Berkes (1991), "Traditional resource management systems", *Resource Management and Optimization*, nº 8, pp. 127-41.
- GEERTZ, Clifford (1963), *Agricultural Innovation: the Processes of Ecological Change in Indonesia*, Berkeley: University of California Press.
- GHIGLIONE, Rodolphe e Benjamin Matalon (2001), *O Inquérito. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS, Anthony (2000), *Sociology*, Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, Anthony; Mitchell Duneier e Richard P. Appelbaum (2003), *Introduction to Sociology*, W.W. Norton & Co.
- HARAWAY, Donna (1991), *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*, Londres: Routledge.
- INGOLD, Timothy (1990), "An anthropologist looks at biology", *Man*, nº 25, pp. 208-29.
- INGOLD, Timothy (2000), *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*, London: Routledge.
- JONES, Melinda (2002), *Social Psychology of Prejudice*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- KOTTAK, Conrad P.(1999), "The new ecological anthropology", *American Anthropologist*, volume 101, nº 1, pp.23-35.
- LEE, Richard B. (1972), "Kung spatial organization: an ecological and historical perspective", *Human Ecology*, nº 1, pp. 125-47.
- LIMA, Aida Valadas (2004), "Percepção de riscos ambientais: realismo ou ilusão?", em Aida Valadas Lima; Manuel Villaverde Cabral e Jorge Vala (eds.), *Atitudes Sociais dos Portugueses - Ambiente e Desenvolvimento*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 157-86.
- LIMA, Aida Valadas (2005), "Percepções de riscos ambientais", em Luís Sozka (ed.), *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 203-45.
- LIMA, Aida Valadas e João Guerra (2004), "Degradação Ambiental, Representações e Novos Valores Ecológicos", em João Ferreira de Almeida (ed.), *Os Portugueses e o Ambiente. II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*, Oeiras, Celta Editora, pp. 7-63.
- MACRAE, C.Neil; Charles Stangor e Miles Hewstone (1996), *Stereotypes and Stereotyping*. NY, Guilford Publications.
- MARTIN, Paul e Patrick Bateson (1993) *Measuring Behaviour*, Cambridge: Cambridge University Press.
- MCGARTY, Craig (1999), *Categorization in Social Psychology*, Londres, Sage Publications.
- MORAN, Emilio (1990), *Ecosystem Ecology in Biology and Anthropology: a Critical Assessment*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- NELSON, Todd D. (2006), *The Psychology of Prejudice*. Needham Heights, MA, Allyn and Bacon.
- NIBERT, David (2002), *Animal Rights/Human Rights: Entanglements of Oppression and Liberation*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- ORLOVE, Benjamim S. (1980) "Ecological Anthropology", *Annual Revue of Anthropology*, nº 9, pp. 235-73.



SAMPIERI, Roberto Hernández; Carlos Fernández Collado e Pilar Baptista Lúcio (2007), *Metodologia de Pesquisa*, Lisboa, McGraw-Hill.

SCHMIDT, Luísa; Susana Valente e João Pinheiro (2000) “País: percepção, retrato e desejo”, em João Ferreira de Almeida (eds.), *Os Portugueses e o Ambiente. I Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*, Oeiras, Celta Editora, pp. 33-101.

SCOONES, Ian (1999) “New ecology and the social sciences: what prospects of fruitful engagement?”, *Annual Review of Anthropology*, nº28, pp. 479-507.

SHEPARD, Paul (1997), *The Others: How Animals Made Us Human*, Washington, Island Press.

SHNEIDER, Lois (1970), *Sociological Approach to Religion*, New York, John Wiley and Sons, Inc.

SMITH, Eliot R. e Diane M. Mackie (2007), *Social Psychology*. Worth Publishers.

YZERBYT, Vicent e Jean-Paul Leyens (2004). *Psicologia Social*, Lisboa, Edições 70.